

## Interdiscursividade e intertextualidade no conto Chapeuzinho Amarelo

### RESUMO

O presente artigo visa discutir relações intertextuais e interdiscursivas na construção dos sentidos do conto Chapeuzinho Amarelo, publicado em 1979, do autor Chico Buarque. A discussão é ancorada na teoria dialógica, segundo a qual o enunciado está sempre ligado a outros já existentes e ao mesmo tempo sempre sugere futuras réplicas. Desse modo, partindo do princípio bakhtiniano de que nenhum discurso é puro, e da ideia de que o sujeito falante se constitui em relação de alteridade com o(s) outro(s), questionamos como as relações dialógicas constroem os sentidos do conto Chapeuzinho Amarelo? Temos como aporte teórico Bakhtin (2003 [1979]; 2015 [1934-1936]), e outros autores tais como: Fiorin (2008); Brait (2005, 2008); Santos (2013). Nossas análises são de natureza qualitativa e comparativa, tendo como foco o conto Chapeuzinho Amarelo (2019), no contexto da ditadura militar e a sua relação de intertextualidade com o conto Chapeuzinho Vermelho (1985). Percebemos na análise, que as palavras do autor são carregadas de valorações apreciativas de denúncia, inconformismo, luta pela liberdade e pela mudança. Situado no contexto sócio-histórico da ditadura militar no Brasil, o conto aponta para relações dialógicas que permitem a atualização de sentidos para uma releitura que vê o medo da personagem como símbolo do medo decorrente da opressão sofrida pelas pessoas no período da ditadura militar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo. Chapeuzinho Amarelo. Ditadura militar.

**Eliane Pereira Santos**

[eliani-phb@hotmail.com](mailto:eliani-phb@hotmail.com)

Universidade Federal do Maranhão  
(UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

**Marcia Brandão Almeida**

[marcialinguagens@hotmail.com](mailto:marcialinguagens@hotmail.com)

Universidade Federal do Maranhão  
(UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O extralinguístico é parte constitutiva do enunciado, é o espaço das relações dialógicas que constituem os sentidos. De acordo com Bakhtin (2003 [1979]), todo enunciado proferido surge a partir de uma relação de sentido com outros já construídos. O falante assume uma atitude responsiva ao ouvir determinado enunciado, o que proporciona o surgimento de novas réplicas. Levando em consideração a constituição dos sentidos enquanto relações dialógicas, propomos a análise do conto Chapeuzinho Amarelo em busca da atualização de sentidos a partir contexto sócio-histórico da ditadura militar no Brasil, período no qual o texto foi escrito.

Desse modo, este texto objetiva discutir relações de sentidos presentes no conto Chapeuzinho Amarelo do autor Chico Buarque (1979), tendo como questionamento: como as relações dialógicas constroem os sentidos do conto Chapeuzinho Amarelo? O *corpus* é constituído pelo conto de Chico Buarque. A releitura da obra é fundamentada na teoria dialógica, com foco na relação de sentidos existentes entre o conto e o contexto extraverbal da ditadura militar no Brasil.

Há uma grande relação intertextual entre a obra Chapeuzinho Amarelo e o conto dos irmãos Grimm, Chapeuzinho Vermelho, uma vez que há uma relação intertextual referente às personagens, assim como o próprio nome do conto, no qual há apenas uma troca do adjetivo que caracteriza a personagem. Todavia, as análises realizadas terão como foco o conto Chapeuzinho Amarelo, que ao dialogar com o texto dos irmãos Grimm, desvela sentidos outros resultantes de uma apreciação valorativa característica de outro contexto sócio histórico. Esse novo contexto, veicula novos valores, sentidos e respostas.

### 1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DIALOGISMO

Conforme Bakhtin (2003 [1979]), o dialogismo é um princípio constitutivo da linguagem, e condição para construção dos sentidos do discurso. Conforme o mesmo autor as palavras não são selecionadas em dicionários, mas tomadas da boca de outros falantes, ou seja, recorreremos a discursos outros já ditos, e muitas vezes como diz Faraco (2009), recorreremos a palavras que já perderam as aspas, que são reacentuadas por um sujeito falante como se nunca tivessem sido ditas antes. O ser, em sua essência, é social porque depende do outro e realiza o processo de enunciação também em função deste. Igualmente, como dito por Bakhtin (2003 [1979]), a linguagem é intersubjetiva, no mínimo, temos a presença de um locutor e de um destinatário – diálogo entre interlocutores –. O locutor organiza seu enunciado em função desse outro, que determina muitas das escolhas linguísticas feitas pelo falante.

As relações dialógicas revelam na materialidade linguística um elo com o extralinguístico, somente no uso real da língua, em conexão com o social, com o contexto histórico e cultural, é possível construir sentidos, perceber convergências e divergências. Santos e Alves Filho explicitam:

A partir disso, podemos depreender que o locutor, ao escrever ou falar para um ouvinte ou para um dado grupo, leva em conta o

conhecimento que este tem acerca do que está sendo dito, percebendo que nem tudo precisa ser dito verbalmente. O posicionamento valorativo do autor sempre está ancorado sobre o que já foi dito antes sobre o conteúdo do seu enunciado (SANTOS; ALVES FILHO, 2012, p. 149).

De acordo com a teoria bakhtiniana, o falante depende do outro para realizar seu enunciado, mas ao mesmo tempo, ele é sempre um sujeito singular, pois sua experiência o faz ser único. O falante é considerado social e singular, uma vez que enuncia a partir de suas próprias experiências, suas opiniões, sua existência. Ninguém fala, expressa-se ou pensa tal como “eu”, pois todo ser é diferente, todos se constroem enquanto seres sociais e individuais a partir de experiências únicas, jamais vivenciadas do mesmo modo por outras pessoas. Bakhtin (2012 [1920-1924]) diz que o falante é um sujeito sem álibi, ou seja, é impossível não assumir esse lugar na sua própria existência, deixar de ser esse “eu” responsável. O falante é responsável pelo que diz, pela valoração que impregna sua fala, valoração esta que é sempre única, já mais expressa do mesmo modo por outro, nem mesmo pelo falante do discurso atual.

Tendo em vista essa impossibilidade do álibi, da não responsabilização pelo dito e da réplica antecipada como características de qualquer enunciado, Bakhtin (2012) usa o termo responsividade para caracterizar o enunciado, explicitando que a compreensão é sempre uma compreensão responsiva. O falante – que também é um potencia ouvinte, haja vista que responde ao seu próprio enunciado por meio da réplica antecipada – compreende a partir de sua singularidade. Singularidade na teoria dialógica não pode ser confundida com subjetividade. A singularidade é essa posição do falante frente ao não álibi, é definida por essa unicidade na existência, mas vale ressaltar que esse sujeito singular é ao mesmo tempo dialógico, pois embora, ocupando esse lugar que é exclusivamente seu, tem seu discurso construído na relação de alteridade com o discurso do outro.

Fiorin (2008) faz uma distinção entre alguns conceitos relacionados ao termo dialogismo. O primeiro conceito, chamado de dialogismo interdiscursivo, está voltado para a linguagem em seu uso real, o qual reforça a ideia de que todo e qualquer enunciado não é puro, ou seja, sempre será heterogêneo, marcado pela voz do outro, mesmo que seja pela presença da réplica antecipada, que leva o falante a fazer certas escolhas e não outras. Nesse primeiro conceito de dialogismo, o enunciado apresentará no mínimo duas vozes, que podem concordar ou discordar em relação ao que foi mencionado: a voz do falante e a voz do ouvinte, ou seja, em um discurso o indivíduo já traz a fala do outro pelo fato deste se constituir a partir de tal discurso. Interpretando a ideia de dialogismo interdiscursivo, Barros (2008) esclarece:

Três pontos devem ser esclarecidos: em primeiro lugar é preciso observar que as relações do discurso com a enunciação, com o contexto sócio-histórico ou com o ‘outro’ são, para Bakhtin, relações ente discursos-enunciados; o segundo esclarecimento é o de eu dialogismo tal como foi acima concebido define o texto como um ‘tecido de muitas vozes’ ou de muitos textos ou discursos, que se inter cruzam, se completam respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto; a terceira e última observação é sobre o caráter ideológico dos discursos assim definidos (BARROS, 2008, p.32-33).

Um enunciado pode ser considerado como um ponto de concordância ou de discordância de vozes. Fiorin (2008, p. 25) explicita: “[...] Se a sociedade é dividida em grupos sociais, interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar de contradição [...]”.

O segundo conceito discutido por Fiorin (2008) está relacionado à forma composicional de inserção do discurso do outro. Nesse caso, o discurso do outro é utilizado por um enunciador “y” para compor seu próprio discurso. Isso ocorre através do discurso alheio demarcado e não demarcado. No primeiro caso, a fala do outro é demarcada (linguisticamente) em meio ao enunciado para identificar que tal discurso não pertence a ele, mas a outro que já o proferiu. No discurso alheio demarcado, as fronteiras entre um discurso e outro é linguisticamente perceptível. Já no discurso alheio não demarcado, como o próprio nome sugere, não há demarcação expressa, percebe-se a fala do outro pelo conhecimento de mundo que se tem do discurso do outro, e não pela indicação linguística. Nesse sentido, partindo do dialogismo bakhtiniano e da psicanálise lacaniana, Authier-Revuz (2004) usa os termos heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada para referir-se aos diferentes modos de presença do outro no discurso. A heterogeneidade constitutiva atravessa toda e qualquer enunciação dos sujeitos, sendo uma característica constitutiva da linguagem, inerente a todo e qualquer discurso, indo ao encontro do princípio de que a linguagem é heterogênea em sua constituição.

A heterogeneidade constitutiva não revela uma alteridade enunciativa analisável, uma vez que as diferentes vozes constitutivas do discurso do locutor são frutos da presença do outro por meio de interdiscursos impossíveis de terem a identificação de sua fonte. A heterogeneidade mostrada, aquela possível de ser recuperada textualmente ou discursivamente, pode ser marcada e não marcada. Na heterogeneidade mostrada não marcada não há marcas ou fronteiras separando os diferentes discursos.

Tomemos como exemplo de discurso alheio não demarcado a ironia, na qual temos sempre duas vozes, pois se diz uma coisa querendo dizer outra, entretanto, mesmo não havendo marcas linguísticas de separação entre essas diferentes vozes, o contexto comunicativo nos permite perceber uma segunda voz.

Diante disso, podemos dizer que em todos os discursos que são elaborados, produzidos, criados, há a presença das relações dialógicas, uma vez que, tais enunciados correspondem a uma réplica de outro(s) já existente(s). Isso também acontece não só em meio aos enunciados que são proferidos oralmente, mais também ocorre nos textos, ou seja, as relações dialógicas auxiliam em meio à construção dos sentidos destes. Fiorin (2008) ainda faz uma distinção entre intertextualidade e interdiscursividade, considerando a relação de diálogo entre textos e discursos.

[...] devem-se chamar intertextualidade apenas as relações dialógicas materializadas em textos. Isso pressupõe que toda intertextualidade implica a existência de uma interdiscursividade (relação entre enunciados), mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade (FIORIN, 2008, p. 52).

As relações dialógicas, enquanto relações de sentidos são sempre interessadas, entoadas por valorações apreciativas. Bakhtin (2015 [1934-1936]) diz que todo enunciado é heterodiscursivo, marcado pela réplica antecipada, pela voz do outro. O autor ao dialogar com este ou aquele discurso o faz a partir de determinado ponto de vista, mantendo relações de aproximação ou distanciamentos com os discursos citados. Conforme Bakhtin e Voloschinov (2010 [1929-1930]) na linguagem tudo é ideológico, considerando-se que a linguagem é sócio-semiótica e que todo signo é ideológico, contrapondo-se à ideia de sinal.

## 2. A NÃO NEUTRALIDADE IDEOLÓGICA DO DISCURSO

Na teoria dialógica a ideologia se materializa por meio da palavra. Bakhtin (2010 [1929-1930]) afirma que a linguagem é inerentemente ideológica. O autor justifica que essa natureza ideológica é explicada pelo fato de que toda comunicação verbal se dá a partir de signos e é situada em uma das esferas ideológicas, além de que todo enunciado é valorativamente apreciado.

Argumentado a favor do ponto de vista de que a linguagem é inerentemente ideológica, Bakhtin (2010[1929-1930], p. 33) relaciona signo, ideologia e consciência. Segundo ele, signo e ideologia são inseparáveis: “Sem signos não existe ideologia [...] Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”. Sobre isso, Santos (2013) comenta:

Diante disso, podemos depreender que sendo a linguagem constituída de signos, sempre será perpassada por valores ideológicos. Essa relação intrínseca entre ideologia e signo é decorrente do fato de que na teoria bakhtiniana todo signo tem um caráter social, é constituído nas interações sociais, e nunca apartado das situações reais de comunicação (SANTOS, 2013, p.26).

Na comunicação da vida real, a palavra signo é sempre carregada de valor, de entonação capaz de revelar as relações dialógicas que mantém com outros discursos. Já a palavra sinal é desprovida desse elo com o discurso outro, existe enquanto possibilidade para ser atualizada, transformada em signo. A partir do momento que o falante faz uso da palavra, ainda enquanto discurso interior, ela passa a integrar uma consciência, que é desde o início semiótica, portanto ideológica, construída nas interações sociais.

Nessa perspectiva, ideologia, não é tida como mascaramento da realidade, nem se restringe à ideia de luta de classes, mas como sendo um juízo de valor próprio da palavra-signo, que não pode se eximir da apreciação valorativa do sujeito falante. É essa singularidade, que obriga o falante a assumir um ponto de vista, um posicionamento frente ao eu diz, dando a esse dizer um caráter ideológico. Volochínov (2013 [1930], p.138) define ideologia como: “todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outros signos”.

Conforme a teoria dialógica todas as palavras ditas em condições reais de uso expressam um posicionamento ideológico, sendo capazes de revelarem um contexto sócio-histórico, uma realidade social que lança valoração apreciativa sobre o que é dito. O homem que fala é constituído nas relações de interação e

diálogo com outros discursos. Assim, traz para seu texto do início ao fim um contexto extraverbal, ou seja, as relações dialógicas, ou de sentido que mantém como discursos outros.

A atualização dos sentidos da palavra a cada nova enunciação é explicada pelo fato de ser a palavra um elemento além do que está posto como materialidade linguística, seu uso sempre acontece no meio social e histórico, tendo como enunciador um falante em sua singularidade dialógica. Assim, o sentido atualizado tem de uma ponta a outra uma entonação que é resultado do posicionamento valorativo do falante. Essa apreciação valorativa faz de todo sujeito um ideólogo. Alguém que se posiciona, que responde, que se insere numa estrutura social, e que também é um sujeito marcado pela singularidade.

### 3. UMA LEITURA SOBRE O CONTO CHAPEUZINHO AMARELO

O *corpus* é constituído de alguns trechos do conto de Chico Buarque, intitulado Chapeuzinho Amarelo. O conto revela uma semelhança com o conto dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Vermelho. Ao ouvir o título Chapeuzinho Amarelo, faz-se uma relação e referência ao conto dos Irmãos Grimm. Essa relação acontece porque em algum momento da vida, os indivíduos, que reconhecem essa intertextualidade, já se depararam com essa história, portanto, possuem um discurso anterior que os faz resgatar a memória discursiva sobre esse conto de fadas. Mas ao contrário desse conto, no qual a criança é representada como alguém inocente, que desconhece o perigo, no outro, a criança o reconhece e, por isso, se anula e se isola, recusando-se a fazer muitas atividades pelo sentimento do medo, até o momento que resolve enfrentar e vencer seus medos, libertando-se das amarras da opressão. Assim, no primeiro conto o lobo (símbolo do perigo e da maldade) é vencido pelo outro, pelo adulto. Já no conto de Chico Buarque, o lobo, que também representa o medo, é vencido pela coragem da própria menina, a Chapeuzinho.

A personagem rompe com o medo que tinha de tudo quando encontra com o lobo e vê que ele não é invencível. O medo, que antes ela manifestava ter, era a representação do medo adquirido em decorrência da educação familiar, escolar, da inserção em uma sociedade ditatorial e repressora, que era a do contexto da ditadura militar no Brasil. O grito de coragem da personagem no enfrentamento do lobo em uma situação em que deveria ter medo, representa a liberdade e resistência, a criatividade de resignificação de uma realidade marcada pelo medo e pela opressão.

Com base em Fiorin (2008) que diz ser a paródia um recurso dialógico de refutação temática, o diálogo intertextual entre os dois contos configura-se como uma paródia, uma vez que, no conto de Chico Buarque, temos uma versão que refuta a ideia ingenuidade e submissão da criança em relação ao sentimento do medo e da opressão. Desse modo, não há uma imitação apenas do gênero e do estilo, mas um diálogo com o tema medo, abordado no conto dos Irmãos Grimm. Contudo, esse tema é retomado a partir de relações dialógicas de confronto, de refutação a certas valorações dadas na primeira obra.

Do mesmo modo como o lobo de Chapeuzinho Vermelho é caracterizado a partir de uma valoração negativa, tendo características físicas ressaltadas para intensificar a maldade, o lobo de Chapeuzinho Amarelo, também o é. O lobo do

conto dos Irmãos Grimm tem olhos, nariz e boca grandes para ver, sentir e comer a menina. No conto de Chico Buarque temos lobo escrito com letras maiúsculas (intensificação do tamanho), uso de aumentativo em palavras equivalentes àquelas usadas no conto dos irmãos Grimm: “cão de lobo, olho de lobo, jeito de lobo, bocado”. Temos também a semelhança quanto a existência de personagens comuns como: lobo, chapeuzinho (menina) caçador, avó. A intertextualidade entre os dois contos é presente durante a obra.

E Chapeuzinho Amarelo,  
de tanto pensar no LOBO,  
de tanto sonhar com LOBO,  
de tanto esperar o LOBO,  
um dia topou com ele  
que era assim:  
cão de LOBO,  
olho de LOBO,  
jeito de LOBO  
e principalmente um bocado  
tão grande que era capaz  
de comer duas avós,  
um caçador,  
rei, princesa,  
sete panelas de arroz  
e um chapéu  
de sobremesa.

É esse discurso anterior que permite hipotetizar, relacionar uma obra e outra, confrontar, negar ou confirmar relações de sentido construídas a partir do título da obra, dos personagens comuns, da caracterização de Chapeuzinho por meio de cor, dentre outros aspectos. No texto, podemos identificar a voz do autor Chico Buarque, a voz do narrador (aquele que se coloca no lugar de quem vê e conhece tudo sobre a personagem). Assim, não se pode deixar de considerar que Chico Buarque publicou o texto em plena ditadura no Brasil. Isso possibilita relacionar dialogicamente a compreensão dos sentidos do texto ao contexto histórico dessa época, o qual permite a interpretação de que o medo do qual trata o texto, dialoga como a ideia de repressão característica daquele momento histórico.

Assim, o autor busca no universo infantil, a paisagem figurativa para esse sentimento, o qual se fazia presente de forma muito intensa na sociedade brasileira no período da ditadura. A voz do autor-pessoa não é anulada na narração. Temos, portanto o diálogo entre a voz do autor-pessoa e a voz do autor-criador que refuta, questiona, coloca-se contrária à falta de liberdade. Conforme Faraco (2008, p. 39): “O autor-criador é, assim, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo

desses eventos), mas, a partir de certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente”.

Chico Buarque faz ressoar a voz de uma criança privada de agir como criança pelo medo que tem da repressão imposta pelo adulto, que no final do conto é simbolizada na figura do lobo. Os sentimentos de medo que povoam o universo infantil são levados ao extremo em uma analogia ao contexto repressivo da ditadura militar. Na sequência do conto, o autor aponta para uma série de atividades cotidianas que a menina já não fazia em decorrência do medo causado – conforme a interpretação feita nesta pesquisa –, pela família, escola, Estado, enquanto aparelhos repressores, representativos dos aparelhos ideológicos, citados por Althusser (1971 [1985]) como, a família e a política.

Não ia pra fora pra não se sujar  
Não tomava sopa pra não ensopar  
Não tomava banho pra não descolar  
Não falava nada pra não engasgar  
Não ficava em pé com medo de cair  
Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo  
Era a Chapeuzinho Amarelo...

O discurso do autor, na voz da menina, concretiza-se como resposta ao discurso opressivo, uma vez que encontra na Literatura Infantil, uma forma de denunciar, de responder, de expressar o sentimento daquele que se sente reprimido, tendo sua liberdade fragilizada pelo medo, pela imposição de uma voz autoritária. O conto revela um sentimento de medo e opressão que vai sendo vencido ao longo do texto:

Mas o engraçado é que,  
assim que encontrou o LOBO,  
a Chapeuzinho Amarelo  
foi perdendo aquele medo:  
o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO.  
Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo.  
Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.

Podemos observar que ao mesmo tempo em que o autor mantém uma relação de confronto com a voz do opressor, ele se alinha às vozes que gritavam pelo fim da censura e de toda forma de opressão. O lobo do universo infantil, narrado no conto, pode ser na vida real daquele período histórico: a ditadura militar.

Chico Buarque foi alguém de destaque no contexto histórico da ditadura militar no Brasil, colocando-se contra o autoritarismo que se instalou no país. Considerando o contexto histórico da ditadura militar, na obra Chapeuzinho Amarelo, publicada em 1979, o autor faz críticas e ao mesmo tempo dá testemunho de maneira implícita, ao regime autoritário daquele momento ao comparar a menina “amarela de medo” com os oprimidos pelos opressores

militares. O cidadão Chico Buarque dá voz ao narrador-criador, que dá visibilidade aos oprimidos daquele contexto sócio histórico da época em que a obra foi produzida.

Além de ser escritor, ele também é compositor, e ainda realiza muitas outras atividades artísticas. Tanto em meio às suas composições, como na escrita de *Chapeuzinho Amarelo*, cujo foco principal é o tema da superação da opressão. Chico Buarque é contra a opressão e censura durante a ditadura militar no Brasil e demonstra seu repúdio a essas formas de silenciamento através da arte. Nessa obra, o sentimento enfático do medo marca uma entonação sobre a falta de liberdade e opressão. A personagem é uma criança que tem vontade de fazer coisas de criança, mas é impedida por estar vivendo uma realidade na qual o medo é maior que seus desejos e sonhos.

E de todos os medos que tinha

O medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO.

Um LOBO que nunca se via,

que morava lá pra longe,

do outro lado da montanha,

num buraco da Alemanha,

cheio de teia de aranha,

numa terra tão estranha,

que vai ver que o tal do LOBO

nem existia.

O lobo representa de acordo com o contexto extraverbal, a figura de uma ameaça, de um opressor, que pode ser a ditadura militar, representada na obra pelo medo, opressão, pela Alemanha, fazendo uma alusão ao nazismo. A atualização desse sentido é decorrente das relações dialógicas de sentido que o texto permite que sejam feitas em função do que é dito em um dado contexto histórico, tendo em vista aquele que diz e as pistas deixadas no texto para a conexão com o extralinguístico. A ideia de medo dialoga com os discursos proferidos na época, na qual as pessoas não tinham liberdade, viviam a mercê de uma dominação, de uma força autoritária que as amedrontavam. As características do lobo apresentadas por Chico Buarque, enfatizam mais ainda, essa ideia da força opressora sobre as pessoas, a censura, a falta de liberdade de expressão, a luta de classes, e acima de tudo o ideal revolucionário contido na esperança de liberdade.

A chapeuzinho amarelo

foi perdendo aquele medo:

o medo do medo do medo do medo que tinha do lobo.

foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo.

depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.

Um de seus maiores medos era ver o lobo, porém, ao vê-lo percebeu que não tinha medo dele, ou seja, ela teve a coragem de enfrentar seus próprios medos. A voz do narrador ao descrever os sentimentos da personagem, refletindo a voz do

autor Chico Buarque ao defender a liberdade de expressão, ao denunciar o autoritarismo, assim, Chapeuzinho Amarelo, neste momento, representa a ideia de libertação tão almejada por todos que viviam amedrontados durante aquele momento da história.

Chapeuzinho, já meio enjoada,  
com vontade de brincar de outra coisa.  
Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO  
umas vinte e cinco vezes,  
que era pro medo ir voltando e a menininha saber  
com quem não estava falando:

LO BO LO

A menina, que antes desistira de ser feliz por causa do medo, o venceu, saindo da condição de oprimida. Superou o medo representado pelo lobo, que teve sua voz abafada, havendo uma inversão de lugares entre oprimido e opressor. O autor ao usar recursos gráficos e rítmicos para mostrar o grito do lobo no desespero de garantir seu lugar de superioridade frente a sua vítima marca uma entonação, uma valoração apreciativa, apontando para uma superação, ou melhor, dizendo, inversão de lugares nas reações de poder. Cruz, Nozu e Bertolletti (2010) fazem uma relação interdiscursiva entre o conto de Chico Buarque e o contexto da ditadura no Brasil, aproximando a figura da menina oprimida ao povo brasileiro e o lobo ao governo militar:

Nesse plano metafórico, é possível aproximar a figura do lobo aos generais da ditadura militar que pisavam forte no começo dos anos de 1970, reprimindo e censurando as manifestações de liberdade e pensamento (transfigurados na pele da menina Chapeuzinho). Note-se que o número de vezes que o lobo gritou seu nome (vinte e cinco), pode sugerir a previsão de anos que Chico Buarque acreditava durar o período militar, iniciado com o golpe de 1964 (CRUZ; NOZU; BERTOLETTI, 2010, p.12).

Alinhados a esse pensamento, Silva, Pimenta e Martinez (2014) relacionam a voz de Chapeuzinho Amarelo à da população lutando pela democracia, enquanto que a do lobo representa o esforço da ditadura em permanecer no poder. Nesse sentido, ao derrotar o medo que tinha do lobo, a personagem no final da obra, representa a vitória da democracia sobre a ditadura.

Relacionando com o contexto em que Chapeuzinho Amarelo foi escrita por Chico Buarque, percebemos que o discurso é construído de forma irônica, ambígua e ambivalente. Para chegar a tal conclusão, notamos que o livro foi escrito no ano de 1979 e que na década de 1980 a Ditadura Militar no Brasil já estava em período de decadência então, por mais que os ditadores fizessem repressão, o movimento pela democratização era maior; sendo assim, a alegoria do lobo gritando representa a voz da ditadura enquanto Chapeuzinho Amarelo representa a voz da população (SILVA; PIMENTA; MARTINEZ, 2014, p. 32-33).

No final do conto, podemos ver uma criança que supera seus medos ao confrontá-los com a realidade. Ela percebe que vive em um mundo fictício que a impossibilita de fazer coisas que ela gosta, coisas naturais de uma criança. Um dos maiores medos da menina, que era o lobo, transforma-se em bolo, ou seja, há uma superação, uma inversão de lugares entre oprimido e opressor.

Aí, Chapeuzinho encheu e disse:

“Pára assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!”

E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava, já não era mais um LO-BO.

Era um BO-LO.

Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com medo de Chapeuzim.

Com medo de ser comido, com vela e tudo, inteirim.

No trecho acima, o autor usa o verbo – disse – para marcar linguisticamente o início da fala do outro – de Chapeuzinho Amarelo –, que nesse momento se enche de coragem e enfrenta o medo simbolizado na figura de lobo. O autor marca a fala da personagem por meio das aspas. Segundo Authier-Revuz (2004), as aspas cumprem diferentes funções, dentre elas a de ênfase, de demarcação entre a voz do falante e a voz do outro. Contudo, vale ressaltar, que conforme Bakhtin e Volochínov (2010 [1929-1930]) o discurso citado é sempre reacentuado pelo discurso citante, e nesse caso por se tratar de um texto literário, onde a personagem ganha voz a partir da refração do discurso do autor, essa reacentuação do discurso da personagem pelo discurso do autor, é muito expressiva, constituindo-se numa heterodiscursividade de mistura de vozes que se entrelaçam na mistura de voz entre autor e personagens, tendo do outro lado a voz do ouvinte que também é inserida dentro da obra enquanto réplica antecipada. Para Bessa (2019): “Fazer uso do discurso citado direto corresponde a relatar, fazer referência às palavras de outrem”. Esse outro não é citado apenas enquanto voz. Ao retomar o discurso outro, o falante incorpora no enunciado citante um acontecimento enunciativo, um tempo histórico de um outro. Esse cruzamento de diferentes vozes, não resulta apenas numa sobreposição de diferentes enunciados, uma vez que essas vozes polemizam entre si, dialogam, se distanciam ou se aproximam conforme a intenção do sujeito falante do discurso citante.

Sem o conhecimento de mundo sobre o contexto histórico no qual a obra foi escrita seria impossível atribuir tais sentidos, sem a relação com o contexto da ditadura militar, uma vez que, em se tratando de sentido atualizado, muito do que está dito não está no texto em si, mas na sua relação com o autor, tempo, espaço, e destinatário, no diálogo que o dito mantém com outros discursos, com a réplica antecipada, ou seja, com a imagem que o autor faz do seu destinatário.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

A partir da análise realizada, percebemos que as relações dialógicas podem estar presentes de forma, mais ou menos, demarcadas no texto, sendo responsáveis pela constituição dos sentidos. Sem o discurso outro não há compreensão responsiva, uma vez que a compreensão exige uma tomada de posição frente àquilo que imaginamos ser a resposta do outro. Desse modo, a

compreensão de um texto depende muito dos conhecimentos que são adquiridos ao longo do tempo, a partir de vivências no meio social. São os conhecimentos que já temos que nos permitem enquanto leitor/ouvinte, construir as relações dialógicas para atribuir sentidos ao texto. Conhecimentos esses que se constroem num grande tecido de fios dialógicos, que põem em cena muitas vozes, das quais nos apropriamos em maior ou menor grau de consciência sobre o que julgamos ser nossa fala ou fala do outro.

Os sentidos são construídos na relação de diálogo que os discursos mantêm uns com os outros. As análises do corpus revelaram uma relação de diálogo entre os dois contos –, mas ao parodiar Chapeuzinho Vermelho, o autor situa o novo texto em outro contexto histórico, atualizando sentidos a partir da relação com outros discursos, o que torna possível a leitura do conto a partir do diálogo com o contexto histórico da ditadura militar. Assim, passamos a tecer relações dialógicas no contexto político, de um governo autoritário, marcado pela censura. Os discursos desse contexto histórico, na voz do autor-pessoa – Chico Buarque –, e do autor-criador, aquele que recria esteticamente o conto Chapeuzinho Vermelho, recortando, reacentuando, colocando-se na posição de narrador que tudo vê e tudo sente em relação às personagens. Como dito por Bakhtin (2003[1979]), o autor-criador é uma posição refratada do autor-pessoa. Já temos aí duas vozes, e dialogando com elas tantas outras vozes, pensando no conto dos Irmãos Grimm, recriado no contexto da ditadura militar, dando origem a outra obra: Chapeuzinho Amarelo.

Observamos que na relação intertextual entre as duas obras o autor faz uma paródia para polemizar os temas medo e opressão, mostrando uma superação do medo pela personagem, que percebe ser capaz de enfrentar e vencer o que lhe amedronta e a impede de viver livremente. Isso não acontece no texto parodiado, e conforme a releitura, a partir do contexto da ditadura militar, saímos do plano da intertextualidade para o plano da interdiscursividade, pois a obra Chapeuzinho Amarelo passa para o contexto da ditadura militar com discursos outros que resgatam aquele momento histórico para atualização dos sentidos construídos. São as relações dialógicas interdiscursivas que possibilitam a construção de sentidos necessários para relacionar o lobo ao aparelho repressor na ditadura militar e a menina à população oprimida pela censura, proporcionando no final a obra uma inversão de posicionamentos sociais. A menina passa a ser símbolo de liberdade e vitória, já o lobo se sente na condição de derrotado, marcando desse modo, os indícios de fracasso da ditadura em relação à democracia. Podemos dizer que os sentidos não cabem apenas no texto. É preciso extrapolar o nível linguístico, lançar luz sobre o social, sobre o extralinguístico para compreender as pistas deixadas pelo texto, e assim, atribuir sentidos com base na relação entre social e verbal.

## Interdiscursivity and intertextuality in *Little Yellow Riding Hood*

### ABSTRACT

This article aims to discuss intertextual and interdiscursive relationships in the construction of the meanings of the short story *Chapeuzinho Amarelo*, published in 1979, by the author Chico Buarque. The discussion is anchored in the dialogical theory, according to which the statement is always linked to others that already exist and at the same time always suggests future replicas. Thus, based on the Bakhtinian principle that no discourse is pure, and the idea that the speaking subject is in a relationship of otherness with the other (s), we question how the dialogical relationships build the meanings of the Little Yellow Riding Hood story. ? We have as theoretical contribution Bakhtin (2003 [1979]; 2015 [1934-1936]), and other authors such as Fiorin (2008); Brait (2005, 2008); "Author" (2013). Our analysis is of a qualitative and comparative nature, focusing on the story Little Yellow Riding Hood in the context of the military dictatorship and its intertextual relationship with the story Little Red Riding Hood. We noticed in the analysis, that the author's words are loaded with appreciative valuations of denunciation, non-conformity, struggle for freedom and change. Situated in the socio-historical context of the military dictatorship in Brazil, the story points to dialogical relations that allow the updating of meanings for a reinterpretation that sees the fear of the character as a symbol of fear resulting from the oppression suffered by people during the military dictatorship.

**KEYWORDS:** Dialogism. Little Yellow Riding Hood. Military dictatorship.

---

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato Responsável**. Trad.: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João editores, 2012 [1920-1924].

\_\_\_\_\_. **Teoria do Romance I: a estilística**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1936].

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÏNO, V, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929-1930].

BESSA, José Cezinaldo Rocha. Discurso do outro e problemas de construção de sentidos em texto acadêmico. **Linha d'Água**, n. 24 (1), p. 31-54, 2011.

BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. rev. Campinas-SP: Unicamp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bakhtin: conceitos- chave**. 4 ed., reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. Ilustrações de Ziraldo. Belo Horizonte: Yellowfante, 2019 [1979].

CRUZ, Moysa Yoshimura da; Nozu, Washington Cesar Shoiti; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Um estudo crítico do livro Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque. In: **Revista Interface da Educ. Paranaíba** v. 1 n. 1 p. 95-110 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GRIMM, Irmãos. **Chapeuzinho Vermelho**, São Paulo: Cortez, 1985 [1812].

SANTOS, Eliane Pereira; ALVES FILHO, Francisco. Relações dialógicas e a construção do sentido no gênero comentário online. In: **Revista FSA** (Centro Universitário Santo Agostinho), Teresina, v. 9, n. 2, p. 144- 160. 2012.

SANTOS, Eliane Pereira. **O Gênero Comentário Online**: dimensão social e verbal. 2013. Dissertação (Curso de Mestrado) – Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2013.

SILVA, Bianca Guícardi; PIMENTA Suellen Daniele, MARTINEZ Vanessa Ribeiro. O Conto de Fadas Revisitado: uma leitura de Chapeuzinho Vermelho, Chapeuzinho amarelo e Boné Vermelho. **Revista Eletrônica de Letras** (Online), v.7, n.7, edição 7, jan-dez 2014.

**Recebido:** 30 dez. 2019

**Aprovado:** 28 abr. 2020

**DOI:** 10.3895/rl.v22n37.11461

**Como citar:** SANTOS, Eliane Pereira; ALMEIDA, Marcia Brandão. Interdiscursividade e intertextualidade no conto Chapeuzinho Amarelo. *R. Letras*, Curitiba, v. 22, n. 37 p. 19-33, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

